

Sérgio Cabral*

Vai Começar

Sábado, dia 13 de junho, a seleção brasileira estreia na Copa do Mundo de 2026.

O jogo contra a seleção marroquina será o maior desafio do Brasil, no grupo C. Haiti e Escócia, a princípio, serão jogos mais tranquilos.

Nasci em janeiro de 1963. Minha primeira Copa do Mundo foi a de 1970. O melhor time da história. Não há no histórico das seleções de todos os países que participaram das edições de Copas do Mundo, alguma seleção que se compare ao escrete de 70.

O maior jogador do planeta em plena forma e com gana de vencer e encerrar o seu ciclo na seleção brasileira. Pelé se tornou tri campeão do mundo: 58, 62 e 70.

Nem o quadro tenso do regime militar, com o general Médici e seu governo assassinando e torturando militantes políticos, cassando parla-

mentares, expulsando do país mentes brilhantes, nada disso foi capaz de frear a alegria do povo brasileiro com o escrete de 70. Ou, como eram conhecidos até 3 meses da competição: “as feras do Saldanha”.

João Saldanha é um dos grandes nomes do Brasil. Como técnico, jornalista, intelectual e militante político. Foi demitido a 3 meses do início da Copa do México, por não permitir que o general Médici interferisse na escalação da seleção, já que o militar era fã de futebol e, como ditador, se achava no direito de escalar quem quisesse no time. Saldanha disse que não se metia na escolha do ministério do ditador, e que esse não desse palpite na escalação da seleção brasileira.

Zagalo foi o escolhido para substituir João Saldanha. A escolha foi feliz. Mário Jorge Lobo Zagallo havia conquistado o bi campeonato mun-

dial de 58, na Suécia, e 62, no Chile, como atleta. Tinha bagagem e experiência para aquele desafio. Como foi parceiro de Pelé, em campo, a sintonia dos dois foi fundamental para liderar o escrete rumo ao tri.

Ficamos, depois da Copa do México, 24 anos sem ser campeão. Vale o registro da Copa de 82, na Espanha, quando tínhamos a melhor seleção da competição com Zico e Cia, mas fomos abatidos pela Itália. Depois desse longo jejum, a seleção brasileira conquistou a Copa de 1994, nos Estados Unidos. Tínhamos um bom time, o técnico era o Parreira, que desde 70 com Zagalo, vivia o ambiente da seleção. Ganhamos nos pênaltis.

Em 2002, um excelente time venceu todas as partidas e teve uma final contra a Alemanha que consagrou Ronaldo Fenômeno como o grande nome brasileiro da Copa do Japão e Coreia do Sul.

Somos penta campeões do mundo. Nessa condição disputaremos essa Copa. Mas não somos a seleção número 1 do ranking da FIFA, cuja última edição foi de abril desse ano. Somos a 6ª colocada no ranking. A França é a número 1, seguida de Espanha, Argentina, Inglaterra, Portugal e aí sim, Brasil. E para confirmar o meu prognóstico de que teremos um difícil jogo no dia 13, nosso principal desafio no Grupo C, Marrocos é a sétima seleção no ranking da FIFA.

Portanto, é cruzar os dedos, confiar no talento, na união e foco dos nossos 26 jogadores e no currículo vitorioso do italiano Carlo Ancelotti.

PS: imperdível a minissérie “Brasil 70: A Saga do Tri”, na Netflix.

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

Vinicius Lummertz*

A Lição Oculta do Pix

E se a inovação mais transformadora do Brasil nas últimas décadas estiver sendo interpretada da forma errada?

Enquanto políticos disputam a paternidade do Pix e torcidas ideológicas tentam reivindicá-lo como troféu, uma questão muito mais importante passa despercebida.

O verdadeiro significado do Pix não está em quem o criou. Está no que ele revela sobre a capacidade do Brasil de construir algo extraordinário.

O debate recente sobre o Pix diz muito sobre o Brasil, mas não exatamente sobre pagamentos digitais.

Diz sobre nossa dificuldade de reconhecer como as grandes realizações nacionais realmente acontecem.

O Pix voltou ao centro da política. Uns o transformam em símbolo de soberania nacional. Outros o utilizam como arma na disputa partidária. Há quem procure um pai. Há quem procure um dono.

Talvez estejamos fazendo a pergunta errada.

O que torna o Pix extraordinário não é sua autoria. É sua trajetória.

Poucas inovações brasileiras alcançaram tamanho impacto em tão pouco tempo. Milhões de pessoas passaram a realizar transferências instantâneas. Pequenos comerciantes reduziram custos. A inclusão financeira avançou. O sistema bancário tornou-se mais competitivo. O dinheiro passou a circular com velocidade e eficiência inéditas.

Mas a verdadeira história do Pix não é tecnológica. É institucional.

O projeto começou a ser concebido durante a gestão de Ilan Goldfajn no Banco Central, no governo Michel Temer. Foi desenvolvido, estruturado e lançado durante a gestão de Roberto Campos Neto, no governo Jair Bolsonaro. Foi incorporado ao cotidiano nacional pelos governos seguintes.

Nenhuma dessas etapas pode ser retirada da narrativa sem empobrecê-la.

Mais importante do que identificar quem participou de cada fase é compreender que não existe um protagonista único nessa história.

Diferentes atores contribuíram em momentos decisivos para que o projeto chegasse onde chegou.

O mérito não pertence a uma única pessoa, governo ou partido. Pertence a todos que ajudaram a transformar uma ideia em realidade.

Sobretudo, pertence aos técnicos do Banco Central.

Num país acostumado a associar o Estado à burocracia e à lentidão, o Pix mostrou exatamente o contrário. Mostrou que instituições públicas dotadas de autonomia, competência técnica, metas claras e continuidade administrativa podem produzir inovação de classe mundial. Essa talvez seja a verdadeira notícia.

O Brasil possui ilhas de excelência institucional capazes de competir com o que existe de mais avançado no mundo. A Embrapa fez isso na agricultura tropical. O ITA ajudou a formar a engenharia que deu origem à Embraer.

O Banco Central fez isso nos meios de pagamento.

São exemplos de algo precioso e raro: inteligência institucional acumulada.

Talvez esse seja um dos conceitos mais negligenciados do debate público brasileiro.

Países desenvolvidos não acumulam apenas capital.

Acumulam conhecimento, instituições, experiência e políticas públicas bem-sucedidas.

O Brasil, ao contrário, frequentemente se comporta como uma nação condenada a recomeçar a cada eleição.

Mudam os governos e, muitas vezes, tenta-se reescrever a história das realizações anteriores. Projetos passam a ser julgados menos por seus resultados do que por sua origem política.

É um erro caro. Grandes políticas públicas raramente nascem prontas. Quase nunca pertencem a um único governo. Exigem anos de formulação, aperfeiçoamento, testes, correções e continuidade.

O Plano Real atravessou diferentes administrações antes de sua consolidação. O Bolsa Família incorporou experiências anteriores, como o Bolsa Escola. A Embraer e a Embrapa também são resultados de décadas de construção institucional. O Pix pertence a essa mesma tradição.

A tradição das obras coletivas e das políticas que conseguem sobreviver aos calendários eleitorais.

Talvez por isso ele tenha adquirido uma dimensão que vai além dos pagamentos digitais. Em meio às recentes tensões entre Brasil e Estados Unidos,

o Pix passou a ser visto por muitos brasileiros como um símbolo de competência nacional, uma demonstração de que o país é capaz de criar soluções eficientes, modernas e amplamente adotadas pela população.

Mas sua maior contribuição talvez seja outra.

O Pix nos lembra que as melhores políticas públicas raramente cabem dentro de um único mandato.

São construções coletivas que exigem tempo, continuidade e instituições sólidas.

Num momento em que o Brasil parece cada vez mais prisioneiro do conflito permanente, o Pix oferece uma lição simples e poderosa.

Michel Temer teve o mérito de apoiar o início da agenda. Ilan Goldfajn ajudou a conceber suas bases. Roberto Campos Neto liderou sua implementação. Equipes técnicas do Banco Central transformaram o projeto em realidade. Os governos seguintes o preservaram e a sociedade brasileira o adotou de forma massiva.

É assim que as democracias maduras funcionam. As maiores conquistas nacionais surgem quando a técnica consegue sobreviver à política. E quando o país consegue ser maior do que a polarização. Essa talvez seja a verdadeira lição oculta do Pix.

***Vinicius Lummertz é Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo.**